

Canta Reis não é pecado: Entre a etnografia e história do Reisado no Piauí

Aline da Silva Nascimento¹

Resumo: Tem como objetivo discutir sobre as diferenças e aproximações entre historiadores e etnógrafos, pois ambos escrevem o texto e utilizam textos de autores como Carlos Ginzburg, François Laplatine, Jorge Velho, Sahlins, para discutir sobre as diferenças e aproximações entre historiadores e etnógrafos, e quais contribuições a Antropologia pode trazer para a história e vice e versa. Em seguida é apresentado a festa de Reis, por meio da Etnografia e também da história uma festa que acontece em varias partes do Brasil, mas que no Piauí tem suas peculiaridades, a mesma existe a mais de 100 anos e passada de pais para filhos, uma festividade de caráter religioso, que acontece como forma de reconhecimento de graça alcançada e atribuída aos Santos Reis, mas que também tem o lado profano. A festa acontece entre os dias 26 de dezembro e 6 de janeiro, dia em que se comemora santos Reis. No texto é destacado a presença do boi que é enfeitado com chita, fitas coloridas e espelhos e os caretas, figuras mascaradas, que fazem palhaçadas, sapateiam e cantam ao som da sanfona, com suas máscaras de couro, como figuras principais da festa, é importante ressaltar que as danças com o boi, no Piauí, acontecem a mais de um século e era associada à cultura, mesmo que nem os próprios brincantes reconheçam.

Palavras-chave: Reisados, Festa, Piauí, História, Etnografia.

Esse trabalho tem como objetivo apresentar a festa de Reis, conhecida como Reisados no Piauí, mas precisamente na cidade de Altos. Por meio da etnografia, aliada também a história, procuro descrever como acontece a festa, quais seus significados para os brincantes e quais redes de sociabilidades existentes nas mesmas. Pois essa é uma festa do Catolicismo popular que une o sagrado e o profano, e tem traços da cultura negra que, no Piauí, é negada, inclusive pelos próprios brincantes.

Sobre o Método

A escassez de testemunhos sobre o comportamento e as atitudes das classes subalternas do passado e com certeza o primeiro - mas não o único - obstáculo contra a qual as pesquisas históricas do gênero se chocam. Carlos Guinsberg chama atenção para o fato de

¹ Mestranda em Estudos Étnicos e Africanos, Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos, Pós-Afro. alyny-pi@hotmail.com.

que, em comparação com os antropólogos e estudiosos das tradições populares, os historiadores partem com uma grande desvantagem.

Ainda hoje a cultura das classes subalternas é (e muito mais, se pensarmos nos séculos passados) predominantemente oral, e os historiadores não podem se por conversá-la com os camponeses do século XVI (além disso, não se sabe se os compreenderiam) (GUINSBERG, 1987, p 15).

Segundo o autor, os historiadores precisam então servir-se de fontes escritas (e eventualmente arqueológicas) que são duplamente indiretas: por ser escrita e em geral, de autoria de indivíduos, uns mais, outros menos, abertamente ligados a Cultura Dominante. E para ele isso significa que o pensamento, crenças e esperança dos camponeses e artesãos do passado chegam até nós através de filtros e intermediários que os deformam. (GUINSBERG, 1987).

A história é ordenada culturalmente de diferentes modos em diferentes sociedades de acordo com os esquemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro. Esquemas culturais são ordenados em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática. (SAHLINS, 1994, p 07)

O autor fala que por um lado, as pessoas organizam seus projetos e dão sentido aos objetos partindo das compreensões preexistentes da ordem cultural. Os homens criativamente repensam seus esquemas convencionais. É nesses termos que a cultura é alterada historicamente na ação – transformação cultural. A alteração de alguns sentidos muda a relação de posição entre as categorias culturais, havendo assim uma mudança sistêmica (SAHLINS, 1994).

Existência e interação dual entre a ordem cultural enquanto constituída na sociedade e enquanto vivenciada pelas pessoas. Os homens em seus projetos práticos e em seus arranjos sociais, informados por significados de coisas e de pessoas, submetem as categorias culturais a riscos empíricos. Na medida em que o simbólico é pragmático, o sistema é a síntese da reprodução e da variação (SAHLINS, 1994, p nove).

A etnografia é uma prática que procura estabelecer relações e “consiste num risco elaborado”, a análise, portanto, é fazer uma descrição densa. Existe uma teia de significados, impossível de deixar de fora dos fatos. Devemos analisar para além da ação, qual ou significado dela.

A etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares, inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar /.../ Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos... (GEERTZ, 1989, p.20).

E é necessário observar o que a etnografia é uma escrita, e aprender as estruturas, Oe preciso também traçar esforços intelectuais para descrever descartando algumas possibilidades e elegendo outras. A descrição é sempre uma representação da representação. O objetivo é manter-se mais próximo do acontecimento. Pois ele já ocorreu, mas ao está anotado ele permanece ali nas anotações (GEERTZ, 1989).

Segundo François Laplatine:

“a etnografia é precisamente a elaboração e a transformação pela escritura da experiência e a organização textual do visível em que uma das funções maiores é também a luta contra o esquecimento.” (Laplatine, 2004, P. 29).

O autor fala que a escrita descritiva esforça-se por dar conta da totalidade daquilo que vemos. Nenhum espaço, nenhum recanto deve ser negligenciado, nem pelo olho que observa, nem pela mão que se designa. Trata-se de dar conta de nomear a totalidade daquilo que vemos.

Quando se faz uma etnografia, uma das tarefas mais difíceis é transmitir o clima, o tom do que se está descrevendo, a sucessão dos fatos no tempo, o número de participantes, a reconstrução das interações, são etapas fundamentais, mas, que quase sempre, fica-se com a sensação de que falta algo.

A festa de Reis

A tradição do Reisado é de origem europeia. Os portugueses trouxeram para o Brasil o costume dos grupos, que saíam às ruas pedindo que lhes abrissem as portas e recebessem a boa nova do nascimento de Cristo; os donos da casa pagavam com dinheiro e alimentos a

gentileza dos músicos e das crianças. Essa tradição existe até hoje, e em cada região foi ganhando características próprias.

As festas de Reis ou Reisados como é conhecido no Piauí acontecem no período do Natal até o Dia de Reis lembrando os reis magos, que guiados por uma estrela, teriam levado ao recém-nascido ouro, incenso e mirra. E tem suas peculiaridades. A festa acontece a mais de um século e é uma tradição que passa de pais para filhos, que homenageia os Reis Magos em gratidão a uma benção alcançada e atribuída a Eles.

Trata-se de uma tradição popular do catolicismo rural, com rituais profanos e religiosos que envolvem cantos, danças, brincadeiras, versos, cortejo, arrecadação de donativos, negociações de pagamento “do santo” e dos brincadores dentre outras atividades, tensões e ambiguidades, reza, conflitos e diversão na festa em louvor a Santos Reis.

Quem organiza a festa, que é chamado o dono do Reisado, é uma pessoa que se sentiu agraciado, por ter uma prece atendida por intermédio dos Santos Reis, essa pessoa é quem faz tudo para que a festa aconteça e não recebe nenhum tipo de ajuda do governo, a festa se mantém viva pela fé das pessoas que “querem pagar suas promessas”.

No caso do reisado da Dona Alzira, em Altos no Piauí, os brincantes são os membros da família, que já “tiram reisados” a mais de 40 anos, segundo a Neta, que é filha da Dona Alzira e é a cantadeira do Reisado, desde que ela criança, que acompanha o reisado que antes era organizado pela avó, depois a mãe dela e agora ela esta a frente da Festa.

A peculiaridade do reisado no Piauí é a presença do boi, como uma figura principal da festa, é importante destacar que as danças com o boi, acontecem também é uma tradição secular e que no século XIX era mal vista pela sociedade, pois era uma festa organizada por negros, escravizados e libertos e que juntava grande numero de pessoas. Monsenhor Chaves, um dos primeiros historiadores no Piauí a falar sobre festas, ressalta que após as festas religiosas, sempre havia espaço para as manifestações populares.

Durante os dez dias de festa um grupo de foliões seguem visitando de casa em casa cantando e dançando ao som de sanfona. Para que essa festa aconteça exige uma programação, o promesseiro é quem organiza tudo, ele quem contrata o sanfoneiro, os tocadores os caretas e o boi, e também vai procurar quem queira recebê-lo em suas casas apara a apresentação. Os personagens são a cantora ou cantor, o brincador do boi, três caretas, e o sanfoneiro, que o “dono do reisado” contrata e no dia eles se encontram.

O boi é ornado com chita, fitas coloridas e espelhos; os caretas, figuras mascaradas, fazem palhaçadas, elaboram momentos cômicos, com suas máscaras de couro, que são

produzidos por eles mesmos, para os dez dias de peregrinação. Os próprios brincantes admitem que o esforço seja muito grande e que apesar deles já saberem o que precisa ser feito, o Dono do Reisado tem a missão de reuni-los e sabendo a rota das casas que serão visitadas eles seguem a tradição. Eles se reúnem na casa do “dono do Reisado” e saem em procissão.

Ao conversar com o sanfoneiro Chico Cesário, ele contou que uma coisa não mudou, é a mesma coisa desde o tempo que ele começou, ele disse que “aqui a gente anda muito, aqui tem casa de mais, mas, ninguém anda em toda casa, só vai naquelas casas que já tão sabendo.” Ele lembrou que antes isso não era necessário.

Ele falou que, andavam nas casas não avisavam, só chegava o tempo do reisado, todo mundo já sabia que era tempo de reisado, não iam às casas perguntar se os donos da casa iam querer reisados, e hoje em dia tem que ser assim, se não, não acha apoio. Ele destacou que atualmente existe muita casa de evangélicos e que “nem quer saber de negocio de reisado”.

Eric Hobsbawm (1997) fala que o mais interessante é que há uma adaptação quando necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins. Sempre se pode encontrar no passado de qualquer sociedade, um amplo repertório destes elementos; sempre há uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunidades simbólicas.

Para Hobsbawm, todos os historiadores, sejam quais forem seus objetivos, estão envolvidos neste processo, uma vez que eles contribuem conscientemente ou não, para a criação, demolição e reestruturação de imagens do passado que pertencem não só ao mundo da investigação especializada, mas também à esfera pública onde o homem atua como ser político.

O rito começa com eles chegando a casa e os donos com as luzes apagadas e com uma bandeira erguida na porta cantam. E eles só abrem a porta na hora da cantiga que fala sobre abrir a porta. Interessante pensar os ritos e os espaços, os caretas que precisam da permissão e que ficam dançando e cantando versos para consegui-la. Em troca de pagamento, é claro.

“Ô de casa, ô de fora
Ô de casa, ô de fora
Maria vai ver quem é
Maria vai ver quem é
São os cantador de Reis

São os cantador de Reis
Quem mandou foi São José
Quem mandou foi São José
Canta Reis não é pecado
Canta Reis não é pecado
São José também cantou
São José também cantou”

Referencia a época em que essa festa de bois era mau vista. E descrita como divertimento selvagem pelos jornais piauienses. Usam como justificativa que São José também cantou reisado, por que São José é um santo da Igreja Católica bastante cultuado.

Existe uma negociação, o capitão (como eles chamam o dono da casa) eles não demonstram interesse na apresentação dos caretas, então eles usam toda sua criatividade para cantarem os versos mais engraçados para agradá-lo, assim ele diverte tanto capitão quanto ao público que acompanha o reisado.

Depois os moradores abrem a porta e recebem a bandeira, e o santo, que fica repousando ao lado de uma vela. Depois de receberem o pagamento, os caretas, vestidos com uma roupa de palha de carnaúba e mascaras de couro, entram na casa e fazem uma dança ao som de uma sanfona, eles enquanto dançam num ritmo intenso, batendo com os pés no chão fazendo um sapateado, barulho com as sandálias, e falando piadas enquanto muitas pessoas observam atentas.

Aí então o Capitão depois da insistência se convence e deixa que dancem. Os Caretas então, começam a sapatear, ritmado ao som da sanfona e pelo o barulho das sandálias de couros. Eles sapateiam, dançam só, às vezes se agarram, dançando em dupla, transpiram muito, se divertem e alegram aos que os observam.

Como a maioria das festas da religiosidade popular, logo começa a parte profana da Festa. Após serem pagos, oferecem ao Capitão, outra apresentação, agora eles falam de um passarinho que veio de longe, que já nasceu cantando e perguntam se o mesmo não quer conhecê-lo. A dança do boi só acontece, se os donos da casa permitirem e concordarem em pagar um valor pela apresentação. E dependendo do valor pago, eles dançam mais ou menos tempo.

Acontece que às vezes as pessoas não tem o dinheiro para pagar pela apresentação, então o boi não se apresenta, mas todos concordam que é mais animado quando o boi dança.

Assim acontece na maioria das vezes. O que eles arrecadam durante as nove noites com a dança do boi é dividido entre os caretas, o dançarino que fica em baixo do boi e o sanfoneiro.

O capitão, que já sabe do que se trata, acostumado com a celebração do ritual, o passarinho é Boi que quer se apresentar, assim como os Caretas, precisa de pagamento para se apresentar, se o Capitão dispõe da boa quantia em dinheiro, aceita a apresentação, para a alegria do público que acompanha. A chegada deles já atrai a vizinhança que ao escutarem eles passando pela rua, já os acompanham para prestigia-los. E por onde eles passam eles convidam para a festa que acontece o dia todo na casa do dono do reisado.

Depois se os donos da casa permitirem, eles fazem a dança com o boi no terreiro da casa ou na rua, pois eles precisam de um pagamento também para o boi dançar. Esse é o momento mais esperado: o boi, que é enfeitado com chita, e vários adereços, ele dança enquanto os caretas fazem graça se esquivando das chifradas do boi, que também tenta chifrar as pessoas que estão assistindo.

Em um determinado momento da dança eles sangram o boi, os caretas conferem se o boi realmente está morto, eles fazem uma encenação de que estão retirando a linha do boi, que na realidade é um lenço vermelho que é entregue ao Capitão, e o mesmo coloca o pagamento pela apresentação e devolve a eles. Quando eles recebem o pagamento, começam a cantar outra canção que é para o boi ressuscitar, o boi se levanta dançando e abençoa a dona da casa obedecendo às ordens dos caretas, que agradecem.

A “morte do boi” é um dos momentos mais aguardado e cheio de misticismo, religiosidade e tradição. As festas de bois acontecem em vários estados brasileiros e cada um com características diferentes. No Piauí as festas de boi aconteciam durante o ano inteiro e atraía um grande numero de brincantes, sendo que de dezembro a janeiro ganha contornos religiosos, por comemorar o aniversário de Jesus e homenagear os três Reis Magos, Atualmente acontecem no período de São João e Dezembro e Janeiro.

Jorge Velho (1994) atesta que através da interação entre os indivíduos e suas redes de relações, podemos lidar com um fenômeno de negociação da realidade, em múltiplos planos, a própria ideia de negociação implica o reconhecimento da diferença como elemento construtivo da sociedade, não só o conflito, mas a troca, a aliança e a interação em geral, constituem a quantidade de estímulos.

Não tem como não se deixar contagiar com o som da sanfona, com os versos engraçados que eles cantam, as pessoas assistem empolgadas, se escondem quando o boi no

meio da dança ameaça chifra-las, as crianças olham curiosas, outras até um pouco assaltadas com as coreografias sapateadas dos caretas junto com o boi.

O tocador disse que “tem vez que é animado demais, o pessoal acham vantagem, muitos acham vantagem, agora muitos deles também não tão nem ligando”. Segundo ele, “ficam por aculá” e concluiu que, “tudo enquanto é assim, tudo o enquanto tem gente que aplaude e outros que não dão valor.” O que Jorge Velho (1994) julga explicitação de um *campo de possibilidades*, próprio da sociedade complexa moderna. Pois no momento da festa se cruzam varias trajetórias e trilhas sociológicas e culturais. Portanto nesse mesmo espaço, cruzam várias trajetórias.

O boi e caretas atraem muitas pessoas para acompanhá-los durante a jornada de nove noites, muitos os acompanham curiosos, muitos pela religiosidade, e alguns também veem como um momento de socialização, algo cultural. A própria Neta admite que faz a festa não só pela promessa, mas porque gosta também e porque foi um pedido do pai dela para continuar com a festa.

Por que na verdade já tinha virado uma tradição, e a gente não faz mais o reisado por uma promessa. A gente faz por que já virou tradição mesmo, por que é um evento que a cidade toda já conhece, já vem pessoas de fora, que já sabe desse evento, e a gente já faz por gostar mesmo. (NETA, 2018).

No dia 06 de janeiro a festa começa logo pela manhã na casa do dono do reisado, que passa o dia preparando comidas, com as esmolas recebidas durante as nove noites de jornada. Algumas pessoas dão animais como: galinhas, porcos, bodes, carneiros ou arroz, goma e farinha. Eles prepararam tudo e servem para as pessoas que chegam para festa que faz homenagem aos Santos Reis.

Tudo que a gente ganha durante as nove noites é pra ser usado durante a festa. No dia 06, se a gente ganha, por exemplo, um porco, ou um bode, o pouco a gente usa pra dá comida para o pessoal que vem, a gente faz a festa dá o almoço, dá janta, até acabar a festa tem comida pra todo mundo, por que todos ficam no dia 06. O evento do Reisado, a gente é uma família. (NETA, 2018)

Nesse dia, um grande numero de pessoas aparecem para prestigiar o Reisado. Quando chega a noite, o ritual se repete, o dono da casa de portas fechadas e os caretas cantam com uma bandeira na porta, depois os donos abrem a porta e recebem o santo, os caretas cantam e dançam ao som da sanfona, fazendo o barulho com as sandálias, repetindo o mesmo ritual dos

dias anteriores, mas nesse dia, após a dança é rezado o terço quando as pessoas rezam e cantam louvores aos Santos Reis.

Também é realizado um leilão para ajudar nas despesas da festa. Uma parte do que é arrecadado durante as noites de reisados é preparado para ser leiloado depois do Terço. Uma mesa é preparada com assados e bolos e frutas, e do dinheiro arrecadado com o leilão é pago o sanfoneiro e as cantadoras.

É muito gasto, mas é muito prazeroso, pra gente, a gente tira do bolso da gente também, o que a gente adquire, ajuda muito e a gente completa do bolso da gente, mas a gente não fala assim, que a gente paga, por que a gente faz por que quer.(NETA,2018).

Os rituais comunitários, em algum nível desindividualizantes, com foco na identidade coletiva, não elimina o nível de escolha, opção de indivíduo/sujeito, lidando com um repertório finito, mas extenso elenco de combinações (Jorge Velho, 1994). A festa virou motivo de encontro familiar, os membros da família, amigos, se reúnem no dia da festa e aproveitam a data para isso.

No caso do Reisado da Dona Alzira, os caretas são o genro, o cunhado e um neto, as cantadoras, são as filhas, e eles falam que é uma tradição que eles pretendem levar a diante, mesmo não tendo apoio do Governo Estadual ou Municipal. Por que eles consideram essa festa como algo que une a família deles.

É notável, que os próprios brincantes associam a festa, apenas ao lado religiosos. Quando perguntados o motivo da festa, sempre respondem que é porque são católicos e não a veem como algo que possa representar uma herança negra do Piauí. Podemos também citar o exemplo do Bumba- meu boi uma manifestação cultural que se diz piauiense, mas que hoje está sendo classificada pela Secretária de Cultura do Estado como prática cultural maranhense.

BIBLIOGRAFIA:

GEERTZ, Clifford. Capítulo I- Uma Descrição Densa. Por uma teoria interpretativa da Cultura. Em **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989, p.13-41.

GUINSBERG, Carlo. **O Queijo e os Vermes** (PREFÁCIO À EDIÇÃO ITALIANA). São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.15-34.

HOBBSAWN, Eric. *A invenção das tradições*. In: **A invenção das tradições**. HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. P.9-23

LAPLANTINE, François. Capítulo I- A Etnografia como atividade linguística: a escrita. Em **A Descrição Etnográfica**. São Paulo: Terceira Margem, 2004, p.29-42.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história** (INTRODUÇÃO). Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 7-21.

VELHO, Gilberto. Capítulo I- Unidade e fragmentação em sociedades complexas. Em **Projeto e metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p. 11-30.